

# DE VOLTA À PRANCHETA: A PESQUISA SOBRE OBJETIVIDADE DA INFORMAÇÃO EM TRÊS ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS DE JORNALISMO

*Back to the drawing board: the  
return of objectivity research in  
contemporary journalism studies*

Luís Mauro Sá Martino\*

## RESUMO

O tema da objetividade é frequentemente deixado de lado por estudos que a consideram *impossível* ou *sem importância*. No entanto, nos últimos cinco anos, pelo menos três livros de pesquisadores brasileiros retornam à questão a partir de um novo ponto de vista. Este texto toma esses livros como ponto de partida para discutir duas dimensões da questão: (1) o aspecto epistemológico, que lida com a possibilidade de um conhecimento objetivo da realidade; (2) o problema ético-prático, relacionado com a atitude do profissional diante do fato a ser narrado. Finalmente, (3) propõe-se que a discussão da objetividade seja trabalhado em seu aspecto multifatorial com vistas à melhor compreensão de suas implicações práticas.

**Palavras-chave:** Teoria da Comunicação. Jornalismo. Objetividade. Ética. Epistemologia.

\* Professor do PPG em Comunicação da Faculdade Casper Líbero (São Paulo). Graduado em Comunicação Social pela Faculdade Casper Líbero. Mestre e Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Área de pesquisa: Comunicação, focalizando, em particular às áreas da Teoria da Comunicação, da Epistemologia da Comunicação, de Mediatização da Religião e Estudos Culturais. *E-mail:* lmsmartino@gmail.com

Data da submissão: 13/novembro/2013.

Data da aprovação: 25/abril/2014.

Revisão técnica e ortográfica do artigo: o autor.

## ABSTRACT

Although objectivity has often been dismissed as an *impossible* or *unimportant* in journalism studies, in the last five years, some books by Brazilian scholars have proposed a counterpoint: objectivity is not only possible but an essential condition of journalism. This paper take these book's arguments as a ground to discuss two dimensions of the problem of journalism objectivity: (1) the epistemological aspect, which deals with the possibility of an objective knowledge of the reality; and (2) the ethical-practical aspect, related to the professional's attitude concerning the reporting of facts. It argues (3) that the discussion about objectivity might be framed in a complex point of view that includes these two dimensions in order to provide a better theoretical understanding of a practical question.

**Keywords:** Journalism. Objectivity. Ethics. Epistemology.

**P**esquisadores e estudantes de Teoria da Comunicação e de Jornalismo já se deparam, de alguma maneira, com o tema da objetividade. Os enfoques variam: ora é definido como ideal a ser perseguido, ora é criticado em sua base epistemológica, recomendado por profissionais ou desqualificado como impossível, o problema da objetividade parece estar ligado, em geral, às discussões mais amplas sobre ética e qualidade.

De critério de excelência para a definição do “bom jornalismo”, a objetividade jornalística passou a *mito* ou impossibilidade. (HACKETT, 1984). No entanto, observa-se, nos últimos anos, uma busca por situar a discussão sobre o tema em outro patamar, incorporando críticas anteriores e repensando a noção a partir dessas considerações.

Neste texto, o objetivo é examinar, a partir de pesquisa bibliográfica, a noção de objetividade no jornalismo tal como é apresentada pelos autores que advogam, em diferentes perspectivas, essa possibilidade. Não se trata de fazer uma crítica nem uma defesa da objetividade, mas de observar os argumentos. Mais do que buscar uma resposta, procura-se delinear uma pergunta.

Pretende-se, aqui, situar o que parece ser esse reposicionamento do discurso sobre objetividade em contraste com o pano de fundo de algumas das discussões sobre o tema. Não se trata de uma investigação exaustiva sobre a história da apropriação do conceito de objetividade no campo do jornalismo, algo que extrapolaria os limites deste texto, mas apenas de sublinhar a especificidade do discurso recente contrastando-o com discussões anteriores.

O *corpus* são três livros publicados por autores de vários espaços acadêmicos. Agrupá-los aqui não tem o sentido de procurar neles uma unidade, mas delinear argumentos comuns. Trata-se de *Jornalismo, conhecimento e objetividade*, de Sponholz (2008), *O percurso interpretativo da produção da notícia*, de Guerra (2008) e *A fabricação do presente*, de Franciscato (2006). Não se busca fazer uma análise crítica dos livros, mas usar seus argumentos como base para a discussão dos temas propostos pelos autores.

No que se segue, em primeiro lugar, se procura situar brevemente o tema da objetividade nas discussões sobre jornalismo; em seguida, a partir das trilhas sugeridas pelo *corpus*, destacar uma dimensão epistemológica referente às possibilidades de um conhecimento objetivo; de outro, uma dimensão ética, na discussão sobre a veracidade da informação obtida a partir do trabalho do jornalista.

## Aspectos da objetividade na doutrina sobre jornalismo

Como nota Amaral (1996), o discurso sobre objetividade no jornalismo está entre os temas que despertam as reações mais adversas, de uma simples desqualificação do assunto a partir de fórmulas (“objetividade não existe”) até demonstrações de caráter epistemológico que buscarão recursos na Teoria do Conhecimento para deixar patente a impossibilidade de um conhecimento objetivo.

Em obra de referência, Abercrombie e Longhurst (2007, p. 255) definem objetividade – à qual, neste texto, chamaremos de conceito “clássico” – como “uma visão de mundo livre de distorções, interesses e representa a verdade” que é, afirmam, ontologicamente impossível, seja em nível cognitivo ou textual, configurando-se, no máximo, como um processo, não como conteúdo do texto. Em outras palavras, o problema da objetividade estrutura-se em torno de saber como, e se, é possível descrever algo “tal como aconteceu”, na seleção e no enquadramento dos fatos e seu impacto na agenda pública. (BARROS FILHO, 1995; COHN-ALMAGOR, 2008).

McNair (1998, p. 65-72) mostra como a noção de *objetividade* foi construída e indica como ela está associada à ideia de uma relação de confiança com o leitor. Vista como um “ritual estratégico”, na perspectiva de Tuchman (1972, 1973, 1978), ou ideal impossível de alcançar, para Meyer (1989), ou mesmo como ideologia (SOUZA, 2002, p. 77), a objetividade, destaca Hohlfeldt (2001, p. 16), apesar de sua “desvalorização científica e relativização”, se mantém, “mitificada” entre profissionais e na opinião pública.

O discurso dominante, nos últimos anos, como menciona Hackett (1984) a respeito do “declínio de um paradigma”, é o da inexistência da objetividade. Vários trabalhos sugerem algo que historiadores já argumentavam: é impossível criar um relato objetivo do que aconteceu. (JENKINS, 1998; LOWENTHAL, 2003).

No entanto, na argumentação de Sponholz (2009), esse discurso, no ensino de jornalismo, é por vezes acompanhado de outro. O mesmo aluno para quem se diz, com diferentes palavras, que “objetividade não existe”, aprende também que as regras do jornalismo exigem rigor de apuração, checagem das informações e investigação dos fatos – uma “fidelidade canina à verdade factual”, no discurso de um diretor de redação ouvido anos atrás.

A associação entre esses dois discursos pode levar, na concepção de Guerra (2008) e Sponholz (2009), a um paradoxo: se a objetividade não existe, qual é o sentido de buscar rigor na apuração e checagem dos fatos? Se tudo é construção subjetiva, e o jornalista nunca consegue oferecer um retrato objetivo da realidade, qual é o sentido do investimento de tempo e esforço buscando apurar informações que, em última análise, não serão mais do que uma reconstrução subjetiva distante dos fatos que lhe deram origem? Tal esforço aparentemente se dilui diante do argumento da impossibilidade de se oferecer qualquer conhecimento objetivo da realidade. (GUERRA, 2008).

Na visão de Guerra (2008), o impacto disso na vida cotidiana, na medida em que indivíduos podem basear suas tomadas de decisão em informações da mídia, seria desastroso: as informações, de uma previsão do tempo ao resultado de eleições, perderiam grande parte de sua validade – seria possível alegar, por exemplo, que o Brasil não é pentacampeão mundial de futebol ou que Luís Inácio Lula da Silva não governou o País por oito anos. Isso não significa, para Guerra (2008) e Sponholz (2008) advogar uma crença ingênua na objetividade e na veracidade das notícias, mas questionam se a crítica à objetividade autoriza a negar, de uma vez, a realidade factual trazida pelos veículos de informação.

Costa (2009), em outro sentido, faz uma distinção contra essa argumentação: esses elementos são *fatos*, algo diferente do relato jornalístico, fundado, segundo explica, em uma “representação da representação”. A discussão sobre existência ou não de fatos objetivos é diferente da discussão sobre a objetividade no relato jornalístico. A impossibilidade de haver objetividade, neste último caso, está ligada aos procedimentos subjetivos do jornalista na verificação e posterior escrita dos fatos.

No entanto, destaca Moretzsohn (2002), em que medida isso exclui toda a possibilidade de um relato objetivo de qualquer fato ou recai em um

subjetivismo solipsista? O equilíbrio entre essas duas posições é um dos focos de pesquisa sobre objetividade, sobretudo como um problema ético-prático e epistemológico.

## A dimensão ético-prática: objetividade como interesse ou estratégia?

Em que medida a discussão sobre objetividade pode ser pautada em termos de uma ética profissional? A julgar pela apropriação do tema no âmbito da ética e dentro das teorias do jornalismo, como fazem, por exemplo, Traquina (2005, p. 135) e Cristofoletti (2009), a resposta seria positiva. O compromisso com um jornalismo *objetivo*, às vezes, é colocado no mesmo patamar de um jornalismo de *qualidade*, e mesmo quando a objetividade é destacada como um discurso potencialmente ideal-típico ou indesejado – veja-se, por exemplo, o clássico estudo de Barros Filho (1995) *Ética na comunicação* –, sua discussão nesse livro indica sua presença como parte do dever-ser do jornalista.

Karam (1997, p. 107) relaciona ética e objetividade na medida em que “a busca da verdade envolve tanto a exatidão na apuração informativa quanto a objetividade no relato, sem esconder a humanidade que se move neles”, o que implica, segundo o autor, conceitos, valores e a moral:

Apesar das renovadas discussões sobre o conceito de objetividade, considero que ela é defensável, existe e revela-se em dados, fatos, maneiras de viver. [...] E o jornalismo, que tem entre suas regras básicas a de um relato objetivo, apresenta na própria narrativa a dimensão humana mais subjetiva de forma objetiva. (KARAM, 2004, p. 42).

A proposta clássica da objetividade, pensada como relato “neutro e imparcial dos fatos”, colocava-se como detentora de uma superioridade moral no exercício da profissão por lidar com *fatos* que, por si, seriam a realidade. Assim, o dever da objetividade conferia ao jornalista a superioridade de um olhar de lugar nenhum, em contraste com o olhar *comprometido* de outras instâncias sociais. Ser ético, portanto, era tender ao equilíbrio, a um jornalismo *descomprometido*. Não por acaso, Temer e Andrade (2010) incluem o questionamento da objetividade no “processo de desmontagem do jornalismo clássico”.

O problema ético, nesse caso, é antecedido por uma questão gnosiológica específica: a objetividade do conhecimento jornalístico, assim como o próprio conhecimento produzido pelo jornalismo, são da natureza

específica dessa atividade e, portanto, não poderia ser compreendida com parâmetros de uma teoria geral do conhecimento. (SPONHOLZ, 2003; 2009).

Isso, vale assinalar, novamente de passagem, se liga a um problema ético referente ao receptor. Em uma situação ideal, o público espera que o jornalista dê informações corretas sobre os fatos do dia. A apuração da notícia deve resultar em um texto que, seja no formato impresso, ou no digital, seja lido no rádio ou na TV, dê ao público uma ideia do que aconteceu. Há uma espécie de “pacto ético” (GUERRA, 2008): o público garante credibilidade ao jornalista, mas espera que o profissional faça o melhor possível para conseguir e transmitir as informações corretas.

Como recordam vários autores (BARROS FILHO, 1995; BUCCI, 2000; MARTINO, 2003; BORELLI, 2002; COSTA, 2009), o *fato jornalístico* difere do acontecimento em si, embora estejam relacionados na medida em que, destaca Rosengren (1974, p. 146), há *pistas* para se chegar a esse acontecimento.

Na perspectiva de Bourdieu (1997; 1998), operacionalizada por Barros e Martino (2003), a junção dessas duas dimensões se verifica no *habitus* intrinsecamente vinculado a um *campo* jornalístico. No mesmo sentido, como argumenta Sodré (2002, p. 187),   preciso levar em conta em que medida a elei o do interesse, como categoria fundante da comunica o, de alguma maneira, elimina a própria possibilidade de  tica ou objetividade.

Evidentemente isso considera que a pessoa que conta a história tenha o compromisso com o ouvinte de se ater aos fatos na medida de sua condi o humana. Portanto, isso não se aplica a situa es de explícita m -f , na qual o fato   sistematicamente distorcido pelo narrador – nesses casos, como resume Guerra (2008, p. 33), “eis a credibilidade e o imperativo ético fundante da institui o jornalística indo para o ralo”.

Isso também não significa deixar de lado os interesses do jornalista nem da empresa de comunica o. Gomes (2009) contrabalança o interesse comercial e o interesse público no trabalho do jornalista. Mesmo pensando em termos estritamente comerciais, sem a discussão sobre compromissos públicos do jornalismo, a busca pela objetividade, nessa nova concep o, não se dilui. Há um público consumidor de notícias que espera por informa es, seja sobre os atos do Congresso, seja sobre o último lance em um *reality show*. Nos dois casos, os públicos esperam informa es corretas e acreditam no profissional responsável por elas.

Isso indica o quanto vale, para o jornalista e para a empresa, a credibilidade conquistada no “imperativo ético”, que Guerra (2008, p. 30) menciona, em uma fórmula simples: “O jornalista deve se ater   ralidade dos fatos.” E explica o porquê: “Os jornalistas se comprometem a noticiar apenas fatos que sejam reais, em fun o disso, o público acredita que tais fatos noticiados

sejam, efetivamente, realidade.” (p. 130). O autor menciona, por exemplo, o caso de Janet Cooke, repórter do *New York Times* que, em 1981, forjou uma reportagem e ganhou o “Prêmio Pulitzer” por ela. Descoberta a trama, além da punição da responsável, o jornal publicou cinco páginas explicando o caso e pedindo desculpas. Evidentemente, nem todos os erros e distorções do jornalismo têm um final como esse. Mas, por outro lado, segundo o autor, esse tipo de distorção sistemático também não acontece todos os dias e em todas as notícias.

### A dimensão epistemológica: rumo à intersubjetividade?

Sempre haverá um ponto de vista, uma certa inclinação, um ângulo específico, não só no jornalismo, mas em qualquer tentativa de contar uma história: ainda que filme a realidade, e usando a força das imagens, um documentário passa por vários processos de escolha, montagem, seleção e edição.

Os livros de Sponholz, Guerra e Franciscato não parecem resgatar uma concepção de objetividade geralmente ligada aos conceitos de *imparcialidade e neutralidade*. Não se espera que um repórter torcedor de uma agremiação renegue sua condição para escrever *objetivamente* sobre um time adversário. No entanto, não é por ser de um time rival que ele noticiaria uma vitória do adversário, em um veículo sério, em termos chulos ou sarcásticos, mas com o rigor e a seriedade que seu trabalho exige.

Ao contrário, é reconhecer explicitamente as limitações do jornalista, da empresa e das rotinas de trabalho e, ao mesmo tempo, vê-lo como um profissional comprometido na busca por informações claras e precisas. Afinal, “toda conduta eticamente pautada”, lembra Guerra (p. 2008, p. 33), “se caracteriza por uma dramaticidade do indivíduo”. Em outras palavras, não é uma objetividade ideal a ser obtida por um jornalista despojado de suas características humanas. Como assinala Morin (2007, p. 80), trata-se de um paradoxo: “A objetividade só pode vir de um sujeito.”

No mesmo sentido, Berry (2005) acredita que quem valoriza a objetividade como um padrão essencial do jornalismo reconhece “nossa condição humana – nossa subjetividade. Precisamente por conta de nossas fraquezas é que insistimos na busca por objetividade”. Ward (2010, p. 145) propõe igualmente que a objetividade não pode ser abandonada em bloco, na medida em que a mera crítica do procedimento, sem a indicação de outros critérios de valoração da prática jornalística vem deixando um *vácuo* na perspectiva ética do jornalismo.

Ou, como sintetiza Hagen, ao destacar a necessidade de incorporar o subjetivo ao objetivo:

De forma alguma sou contra a objetividade. Continuo acreditando que ela é norteadora do fazer jornalístico, e sem ela o profissional ficaria tão enredado numa trama de opções de fatos e abordagens, que não conseguiria produzir a notícia no tempo necessário. Isso sem falar que ética e objetividade estão intimamente ligadas. No entanto, postulo que alguns conceitos devem ser revisados e, se a objetividade é o fator norteador, a emoção pode ser uma das formas de melhor se chegar a esse intento. (2008, p. 10).

A objetividade, nessa nova concepção, é a busca por fazer seu trabalho corretamente, ciente de seus compromissos e limitações. Deixa de ser um ideal e se torna uma possibilidade. Nesse aspecto, Elhajji (2002, p. 119) lembra que o olhar do jornalista precisa ser habituado para se tornar “uma verdadeira faculdade cognitiva de apreensão do real de maneira clara e esclarecida”. Toda interpretação, assinala Alsina (2005, p. 290), está vinculada a um universo limitado de interpretações legítimas ou, ao menos, legítimas, para além do qual se pode compreendê-la como um uso *malicioso* ou *sem propósito informativo*.

A concepção de objetividade desenvolvida pelos autores do *corpus* deste texto incorpora essa diferença, enquanto o conceito clássico previa uma equivalência entre notícia e realidade. Reconhecer a diferença, e não a incompatibilidade entre fato e evento não elimina a possibilidade de se narrar corretamente, dentro de limites que, em vez de serem disfarçados ou encobertos, são levados em conta: “Fragmentar eventos é parte do ato de construir o fato jornalístico”, afirma Franciscato (2005, p. 104).

A relação, feita por Guerra (2008) e Sponholz (2003, 2009), entre a objetividade da informação e a do relato é enquadrada, nos trabalhos sobre objetividade, a partir de uma proposta intersubjetiva. Em sua crítica à objetividade, destaca Moretzsohn (2002) que “a necessidade da interpretação (portanto, da subjetividade) na apreensão do fato não constitui argumento contra a existência da matéria factual” e não permite a manipulação dos fatos conforme a vontade do jornalista.

A perspectiva de Bucci (2000, p. 91-95), nesse sentido, aproxima-se da ideia de tecer uma relação entre a prática jornalística e a objetividade a partir da intersubjetividade. Assim como Costa (2009) e Borelli (2002), Bucci parece distinguir entre o *fato* e sua representação no discurso jornalístico. No entanto, Bucci indica a possibilidade intersubjetiva de resolver o problema entre o objetivo e o subjetivo na prática jornalística. Se a objetividade é definida como “redondamente impossível”, ele também afirma que “há informações inteiramente objetivas”. Quando procura ser objetivo, afirma, o jornalismo busca “estabelecer um campo intersubjetivo crítico entre os

agentes que aí atuam”, em uma “justa, transparente e equilibrada apresentação da subjetividade”.

O argumento da intersubjetividade, retomado em diferentes perspectivas por Kunczik (1997), Borelli (2002), Moretzsohn (2002), Karam (2004) e Conde (2004), é sistematizado, com matiz filosófico, por Strelow:

A verdade ontológica torna-se compreensível em sua versão fenomenológica através dos discursos, partilháveis em patamares de intersubjetividade sempre que o objeto, de alguma maneira, sobrepõe-se aos diferentes sujeitos que o conhecem, ou seja, quando há objetividade. (2009, p. 2).

## De qual objetividade se está falando?

O discurso da objetividade desfruta de um valor variável no campo jornalístico. O exame da bibliografia a respeito indica a presença de posições bastante distintas, sendo o único ponto em comum o reconhecimento da necessidade de se debater a questão, mesmo quando é dada como encerrada.

O tema vem sendo relacionado com vários aspectos do jornalismo. Um primeiro recorte destaca o percurso da informação jornalística, desde os aspectos de produção da notícia, passando pelo texto jornalístico e pelos efeitos potenciais no público. Outro recorte examina o problema a partir de dimensões éticas, de um lado, e epistemológicas, de outro. Um crítico apressado, diante dessa visão do estado da questão, poderia perguntar se todos esses estudos falam de *uma* objetividade ou de *várias* concepções do tema.

Assim, o discurso sobre objetividade nos estudos sobre jornalismo parece enfrentar um problema também no estabelecimento dos parâmetros dentro dos quais se busca discutir. Trabalhando com pontos de partida diferentes, referenciais teóricos diversos e objetos nem sempre plenamente definidos, é possível encontrar evidências para sustentar os vários discursos formulados a respeito da objetividade.

É nesse sentido que este texto não se posiciona no debate, mas tenta de alguma forma delineá-lo o debate procurando alguns dos argumentos que sustentam as diversas posições.

O debate ocorre, em certas ocasiões, a partir de premissas diferentes, em alguns casos que dificilmente se prestam à interlocução. Como essas dimensões estão pulverizadas em várias obras, e mesmo no interior de alguns livros, seria temerário fazer uma vinculação entre cada uma das

questões e autores na medida em que isso poderia indicar uma vinculação positiva que não corresponde, necessariamente, a uma posição do autor. Feita essa ressalva, pode-se destacar, entre outras, as seguintes dimensões:

- *Epistemológica*: a objetividade é tratada no âmbito de uma Teoria do Conhecimento, em alguns casos, extrapolando o problema jornalístico.
- *Ética*: o problema da objetividade está vinculado a questões da credibilidade do jornalismo, construída a partir do compromisso de levar os fatos ao público.
- *Factual*: a discussão apresenta-se paralela a uma Teoria do Conhecimento, mas aplicada especificamente ao debate em relação à construção/reprodução do fato.
- *Textual*: aborda o problema a partir da linguagem jornalística, dando ênfase às congruências e discrepâncias verificadas no texto jornalístico.
- *Efeito de campo*: examina a objetividade no espaço dos jogos de força institucionais, comerciais e profissionais, bem como do *habitus* do profissional constituído nesse espaço.
- *Estratégia*: pensa o problema da objetividade/subjetividade na perspectiva de se verificarem os usos do discurso como valorização do profissional ante os pares e o público.

O quadro 1, com as limitações que a estilização de posições teóricas suscita, objetiva apenas facilitar a percepção das múltiplas dimensões do tema:

**Quadro 1 – Visões das modalidades da objetividade**

<b>Crítica da objetividade</b>	<b>Proposição de objetividade</b>
<p><b>Dimensão epistemológica</b> O conhecimento do objeto não pode ser separado do conhecimento do observador. A notícia é um produto do ponto de vista do jornalista. Não é possível sair da primeira pessoa. A objetividade apresenta-se, no máximo, como um tipo ideal impossível de ser atingido na prática.</p>	<p>O conhecimento do objeto é obtido a partir de seu exame com rigor e precisão. Ter um ponto de vista não elimina a possibilidade de conhecer o fato; o reconhecimento da dimensão subjetiva é o primeiro passo para a busca de um conhecimento objetivo que transcenda o próprio ponto de vista.</p>
<p><b>Dimensão ética</b> A subjetividade está presente na prática jornalística; as escolhas dos jornalistas no processo de produção são subjetivas.</p>	<p>A objetividade é o antídoto contra excessos de subjetividade. A objetividade deve ser o “norte” das escolhas na prática.</p>
<p><b>O problema do factual</b> O relato jornalístico é uma construção subjetiva do profissional. Os fatos são transformados pelo relato jornalístico.</p>	<p>Se não há objetividade, não há sentido em apurar o fato. Os fatos existem por si e devem ser reportados.</p>
<p><b>O texto jornalístico</b> Não há texto objetivo: a escolha das palavras indica posicionamentos.</p>	<p>Há uma diferença entre polissemia e distorção deliberada.</p>
<p><b>O campo jornalístico</b> As dinâmicas do campo jornalístico impedem o relato objetivo; o jornalista não está sozinho em sua prática.</p>	<p>A liberdade do jornalista é condição para a objetividade de seu trabalho.</p>
<p><b>A dimensão estratégica</b> Ignorar a subjetividade é uma manobra do campo para esconder seus limites e falhas.</p>	<p>A valorização da subjetividade diminui o compromisso do jornalista com o público.</p>

Fonte: Park (1940); Tuchman (1972); Medtisch (1992); Franciscato (2005); Guerra (2008); Bucci (2009); Sponholz (2009).

## Considerações finais

Os autores dos livros analisados não deixam de lado situações nas quais os alinhamentos políticos, a busca de escândalos, a criação de fatos e os interesses econômicos da empresa se sobrepõe aos compromissos profissionais do jornalismo – mas perguntam se, nessas condições, o que se está fazendo é, de fato, *jornalismo*.

Os livros se propõem a delimitar melhor o que é essa atividade que, por ter um aspecto comercial, não precisa, necessariamente, deixar de lado a ética. Em situações de distorção completa, o *jornalismo* desaparece e, com ele, as regras e os compromissos do profissional. É de se esperar que essas condições sejam a exceção, e não, a regra.

De certa forma, o fato que torna a mídia importante, e sua discussão mais ainda, é que ela pode causar mudanças na realidade. O jornalismo, como atividade social, responde a uma demanda das pessoas por informações. Demanda, aliás, que independe do jornalismo e existe muito antes dele.

“Em suma, muitas vezes não questionamos as afirmações ou sentenças dos comunicadores de massa porque, de antemão, já as consideramos válidas”, diz Hansen (2006, p. 59). Além disso, prossegue, e como as pessoas não podem checar diretamente o que é dito pelos jornais, resta apelar para a credibilidade da instituição.

Essas alterações não se limitam à necessidade pessoal de informação, se vai chover ou quem ganhou o jogo, mas também no que diz respeito à dimensão pública desses fatos, por exemplo, quando a chuva se transforma em enchente por descaso do Poder Público ou quando a corrupção de cartolas prejudica o desempenho de um time.

A mudança provocada pela imprensa e, posteriormente, pelos meios de comunicação eletrônicos, foi na velocidade dessas demandas, alteração que transformou a própria concepção de tempo no Ocidente. É um dos pressupostos examinados por Franciscato (2005, p. 15): “O jornalismo é uma prática social voltada para a produção de relatos sobre eventos do tempo presente. Ao fazer isso, o jornalismo atua de forma privilegiada como reforço de uma temporalidade social, enquanto produtor de algumas formas específicas de sociabilidade.”

Mas é preciso, de saída, não levar muito longe essa afirmação nem considerá-la uma regra: nem toda informação produz alterações, e a relevância de um dado não pode ser calculada com precisão.

“Pensar em notícia”, explica Franciscato implica em não observarmos apenas o produto de um processo de produção jornalística, mas um conteúdo inerente à condição humana. Devemos considerar que o ato de comunicar os eventos mais recentes para membros de uma comunidade tem origem em tempos longínquos da história humana. (2006, p. 30).

O jornalismo poderia, nesse caso, cumprir a tarefa de suprir essa demanda de maneira rigorosa e correta. Aparentemente, isso desloca o foco do “bom jornalismo” de seu destino final, isto é, a leitura da notícia, e o coloca na produção consciente da notícia: em outras palavras, parece que o “bom jornalismo” estaria na realização ética da atividade, e não, na determinação de seu conteúdo – apurar e escrever corretamente sobre o momento afetivo de uma subcelebridade, nesse caso, seria mais ético do que escrever levemente sobre política?

Sponholz, Guerra e Franciscato retomam, em caminhos e abordagens diferentes e complementares e desafiam, com muitas perguntas e poucas respostas fechadas, o que talvez seja a característica de um bom livro. Ao retomarem alguns temas nos estudos de comunicação, como objetividade, ética e interesse, oferecem posições sólidas, das quais é possível discordar integralmente, mas não negar a relevância.

Em linhas gerais, os livros indicam um reposicionamento da discussão sobre objetividade na bibliografia recente sobre jornalismo. Não se trata de uma volta ao conceito clássico, amplamente criticado na literatura, mas de uma reapropriação do tema.

O exame das obras indica três elementos para se pensar a questão: (a) a objetividade é pensada no interior de uma teoria do jornalismo, e não, em uma teoria do conhecimento ou na busca filosófica pela verdade. Leva em conta as condições, possibilidades e contradições da prática jornalística, nas quais questões éticas e comerciais se encontram em permanente tensão; (b) uma narrativa *objetiva* não se pretende *completa* ou *total*: ao contrário, não esconde os processos de seleção dos elementos que a compõem – e, por isso mesmo, não é oposta, mas complementar à ideia de subjetividade; e (c) entende-se, dentro desse referencial, que um relato objetivo dos fatos é possível no conhecimento das condições reais do fazer jornalístico.

\*\*\*

\* O autor agradece a leitura e os comentários da Profa. Dra. Angela Marques (UFMG) na primeira versão deste texto.

## Referências

ABERCROMBIE, N.; LONGHURST, B. *Dictionary of media studies*. Londres: Penguin, 2007.

ALSINA, M. R. *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós, 2005.

AMARAL, L. *Objetividade jornalística*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

BARROS FILHO, C.; MARTINO, L. M. S. *O habitus na comunicação*. São Paulo: Paulus, 2003.

BARROS FILHO, C. *Ética na comunicação*. São Paulo: Moderna, 1995.

BERRY, S. *Why Objectivity Still Matters*. Nieman Reports, 2005.

BORELLI, V. Jornalismo como atividade produtora de sentidos. *Biblioteca online de Ciência da Comunicação*. 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/borelli-viviane-jornalismo-atividade-sentidos.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2011.

BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

———. *Journalisme et éthique*. *Les Cahiers du Journalisme*, Paris, n. 1, 1998.

BUCCI, E. *A imprensa e o dever da liberdade*. São Paulo: Contexto, 2009.

———. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COHEN-ALMAGOR, R. The limits of objective reporting. *Journal of Language and Politics*, v. 7, n. 1, p. 138-157, 2008.

CONDE, L. M. R. A impossível pureza humana: um estudo da objetividade da notícia. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 1, n. 2, 2º sem. 2004.

COSTA, C. T. *Ética, jornalismo e nova mídia*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.

CRISTOFOLETTI, R. *Ética no jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2009.

ELHAJJI, M. Por um jornalismo auto-reflexivo. In: PAIVA, R. (Org.). *Ética, cidadania e imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 117-132.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A fabricação do presente*. Aracaju: Ed. da UFS, 2005.

GUERRA, Josenildo. *O percurso interpretativo na produção da notícia*. Aracaju: Ed. da UFS, 2008.

HACKETT, R. Decline of a paradigm? Bias and objectivity in news media studies. *Critical Studies in Mass Communication*, v. 1, n. 3, Sept. 1984.

HAFEZ, K. Journalism ethics revisited: a comparison of ethics codes in Europe, North Africa, the Middle East, and Muslim Asia, *Political Communication*, v. 19, n. 2, p. 225-250, 2002.

HAGEN, S. A emoção como complemento à objetividade na imagem do apresentador de telejornal. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 17., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Unips, 2008.

HOHLFELDT, A. Objetividade: categoria jornalística mitificada. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande, 3 a 7 set. 2001.

KARAM, F. J. *Jornalismo, ética e liberdade*. São Paulo: Summus, 1997.

\_\_\_\_\_. *A ética jornalística e o interesse público*. São Paulo: Summus, 2004.

KUNCZIK, M. *Conceitos de jornalismo*. São Paulo: ComArte, 1997.

JENKINS, K. *Rethinking history*. Londres: Routledge, 1998.

LOWENTHAL, D. *The past is a foreign country*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MAIA, M. R.; RODRIGUES, F. Narrativa onisciente no jornalismo: possibilidade de ampliação da captação. In: ENCONTRO DA SBPJOR, 8., 2008, São Bernardo do Campo. *Anais...* São Bernardo do Campo, nov. 2008.

MARQUES, A. C. S.; MARTINO, L. M. S. Paper aceito no encontro da IACMR, Istambul, Julho de 2011.

MARTINO, L. M. S. *Mídia e poder simbólico*. São Paulo: Paulus, 2003.

McNAIR, B. *The sociology of journalism*. Londres: Arnold, 1998.

MEDTISCH, E. *O conhecimento do jornalismo*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1992.

MEYER, P. *A ética no jornalismo*. Rio de Janeiro: Forense, 1989.

MORETZSOHN, S. Profissionalismo e objetividade: o jornalismo na contramão da política. 2002. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylvia-profissionalismo-jornalismo.html>>. Acesso em: 18 jun. 2011.

MORIN, E. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PARK, R. News as a form of knowledge: a chapter in the sociology of knowledge. *The American Journal of Sociology*, v. 45, n. 5, p. 669-686, mar. 1940.

ROSENGREN, K. E. International news: methods, data and theory. *Journal of Peace Research*, v. 11, n. 2, p. 145-156, 1974.

SODRÉ, M. Existe consciência ética na imprensa? In: PAIVA, R. (Org.). *Ética, cidadania e imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 187-196.

SOUSA, J. P. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Florianópolis: Argos, 2002.

SPONHOLZ, L. Objetividade em Jornalismo: uma perspectiva da teoria do conhecimento. *Famecos*, n. 21, ago. 2003.

\_\_\_\_\_. *Jornalismo, conhecimento e objetividade*. Florianópolis: Insular, 2009.

STOCKING, H.; LaMarca, N. How journalists describe their stories: hypotheses and assumptions in newsmaking. *Journalism Quarterly*, v. 67, n. 2, FaQ 1990.

STRELOW, A. A. G. A discussão metodológica e a construção do campo do jornalismo. *Biblioteca online de Ciências da Comunicação*. 2009. Disponível em: <[http://www.bocc.uff.br/pag/strelow\\_bocc\\_2009.pdf](http://www.bocc.uff.br/pag/strelow_bocc_2009.pdf)>. Acesso em: 18 jun. 2011.

TEMER, A. C. R.; ANDRADE, T. C. O. A construção da notícia na TV sob a lógica das rotinas produtivas. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 12., 2010, *Anais...* realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

TRAQUINA, N. *Teorias do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, G. Making news by doing work: routinizing the unexpected. *The American Journal of Sociology*, v. 79, n. 1, p. 110-131, jul. 1973.

----- . Objectivity as strategic ritual: an examination of newsmen's notions of objectivity. *The American Journal of Sociology*, v. 77, n. 4, p. 660-679, jan. 1972.

\_\_\_\_\_. *Making news*. New York: The Free Press, 1978.

WARD, S. Inventing objectivity: new philosophical foundations. In: MEYERS, C. *Journalism ethics*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 137-152.